Revista Diálogos Mediterrânicos
www.dialogosmediterranicos.com.br
Número 19 – Dezembro/2020

"Andando casi por toda la tierra"? As viagens de Ramon Llull no imaginário moderno: entre mito e história

"Andando casi por toda la tierra"? The voyages of Ramon Llull in modern imaginary: between myth and history

Guilherme Queiroz de Souza•

Resumo

Entre as diversas facetas do filósofo maiorquino Ramon Llull (c. 1232-1316), a de viajante incansável é uma bastante conhecida. De fato, sabemos que ele visitou várias localidades, sobretudo da bacia mediterrânica. Essa informação consta principalmente na *Vita Coaetanea* (1311), texto autobiográfico que Llull ditou a um monge cartuxo. No entanto, existem documentos que indicam outras viagens do pensador, como algumas biografias lulianas modernas (séculos XVI-XVIII), que chegaram a influenciar parte da historiografia contemporânea. Encontramos, ali, interessantes referências a estadias em regiões como a Inglaterra, Noruega, Islândia, Etiópia, Egito, Gana, Índia, entre muitas outras. Nosso objetivo é analisar os aspectos míticos e históricos desses outros itinerários, mais precisamente sua tradição, historicidade e difusão à luz das obras de Llull.

Palavras-chave: Ramon Llull, Viagens, Imaginário moderno.

Abstract

Among the many facets of the Majorcan philosopher Ramon Llull (ca. 1232-1316), one of the best-known is being a tireless traveler. We do know he visited several locations, especially in the Mediterranean basin. This information can be found mainly in the *Vita Coaetanea* (1311), autobiographical text that Llull dictated to a Carthusian monk. There are, however, documents that indicate other voyages taken by the thinker, like some modern Lullian biographies (16th-18th centuries), which even influenced present-day historiography. We find, there, interesting references to stays in regions like England, Norway, Iceland, Ethiopia, Egypt, Ghana, India, and many others. Our aim is to analyze the mythical and historical aspects of these other itineraries, more specifically their tradition, historicity, and diffusion in the light of Llull's work.

Keywords: Ramon Llull, Voyages, Modern Imaginary.

Enviado: 28/11/2020
Aprovado: 22/12/2020

1. Introdução.

Em janeiro de 2016, o jesuíta e historiador espanhol Juan Nadal Cañellas, autor de numerosos trabalhos sobre Bizâncio, faleceu repentinamente, deixando submetidos

• Professor de História Medieval da Universidade Federal da Paraíba.

artigos que teriam publicação póstuma. Entre eles, estavam dois que focalizavam a visão do filósofo maiorquino Ramon Llull (c. 1232-1316) sobre a unidade dos cristãos e o Império Bizantino, com observações que chamam a atenção de qualquer pesquisador desse importante pensador medieval. Em ambos, Nadal Cañellas acompanha um comentário daqueles a quem chama de "conhecidos" estudiosos, segundo o qual Llull teria empreendido, entre 1279 e 1282, uma viagem que partiu de Roma, cruzou o Oriente cristão e atravessou a Geórgia, Turquia, Egito, Etiópia e Cirenaica.[1]

Para o leitor comum, a afirmação não surpreende. Ora, entre as diversas facetas de Llull, a de viajante incansável é uma bastante conhecida. De fato, sabemos que ele visitou várias localidades, sobretudo da bacia mediterrânica. Essa informação consta principalmente na *Vita Coaetanea* (1311), texto autobiográfico que Llull ditou a um monge cartuxo de Paris. No entanto, ela não cita outros itinerários entre 1277 e 1287, escolhendo a expressão "*post haec*" para resumir os anos da fundação do mosteiro de Miramar àquela que seria a primeira estadia luliana em Roma.[2] Estamos diante, portanto, de um primeiro problema; mas existem outros, como veremos.

O objetivo do presente artigo é analisar os aspectos míticos e históricos deste e de outros itinerários, mais precisamente sua tradição, historicidade e difusão à luz das obras de Ramon Llull. Algumas das narrativas remontam à Idade Média e podem ser observadas em variados documentos modernos, sobretudo em biografias lulianas (séculos XVI-XVIII). Sem pretender compulsar todos os documentos dessa natureza, selecionamos os que conferem um panorama satisfatório à nossa problemática: as biografias escritas por Juan Seguí (†1608), Antoine Perroquet (†c. 1668), Damián Cornejo (1629-1707), Jaime Custurer (1657-1715), Jean Baptiste du Sollier (1669-1740) e Antonio Pasqual (1708-1791).[3] Encontramos, nelas, referências a estadias de Ramon em regiões como a Inglaterra, Noruega, Islândia, Etiópia, Egito, Gana, Índia, entre muitas outras. No âmbito dos estudos lulianos, por que essa questão é relevante? Por que Llull teria visitado esses

[1] NADAL CAÑELLAS, Juan. "En qué consiste la unidad de los cristianos, según Ramón Llull". *Comunicació*, 2016, vol. 132, p. 38-39; NADAL CAÑELLAS, Juan. "Ramón Llull y el mundo bizantino". *Byzantioς*. Studies in Byzantine History and Civilization, 2019, vol. 15, p. 295-297.
[2] RAMON LLULL. *Vita Coaetanea*. Edição de Hermógenes Harada. In: *Raimundi Lulli Opera Latina*, Tomus VIII. Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis, 34. Turnhout: Brepols, 1980, IV, §18, p. 283.
[3] Outros documentos medievais e modernos, como poemas, crônicas e cartas, foram utilizados como fontes complementares.

locais? E por quais motivos certos biógrafos modernos acreditaram nesses itinerários? Essas são algumas perguntas que buscamos responder.

2. Ramon Llull: um viajante universal.

A maior parte das viagens de Ramon Llull, como indicamos, pode ser observada na *Vita Coaetanea*, cuja leitura permite seguir os passos dele por diversas localidades, entre as quais Maiorca, Santiago de Compostela, Rocamadour, Barcelona, Montpellier, Roma, Paris, Gênova, Pisa, Nápoles, Bugia, Túnis, Chipre, Avignon e Vienne. Mas a *Vita* detém lacunas significativas[4] e, como foi redigida em 1311, não aborda os últimos anos de Llull, que viveria mais meia década, percorrendo regiões como a Sicília e, novamente, Túnis. De toda forma, outras de suas pegadas são identificadas após 1292, quando ele passou a assinar os textos que produzia, com a indicação da data e do local de redação. Nessas obras, encontramos referências, por exemplo, a périplos pela Armênia Menor e Rodes, que tem um "bom porto, como eu vi" (*bonus portus, sicut uidi*).[5] Sua passagem por Jerusalém permanece um mistério, embora muitos especialistas confirmem sua veracidade, com base numa referência a um "altar" que está acima de todos os outros: "quando o vi, tinha apenas duas lâmpadas; uma estava apagada. A cidade estava despovoada".[6]

Seja como for, essas viagens já foram examinadas em detalhes pela historiografia,[7] sendo fundamentais para a compreensão dos objetivos de Ramon durante sua longeva vida. Em várias localidades, como Montpellier, Gênova, Roma e Paris, ele esteve por mais de uma vez, conclamando papas, reis e príncipes a apoiar os seus projetos político-religiosos, como a fundação de escolas para ensinar o árabe e outras línguas orientais aos missionários cristãos. Em algumas delas, permaneceu por longos períodos,

[4] A *Vita* focaliza "alguns de seus feitos" (*aliquibus gestis ejus*) e, de fato, "anos inteiros e episódios importantes são silenciados, enquanto outros aparentemente banais são explicados com toda a riqueza de detalhes", DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. "Idea y estructura de la *Vita Raymundi Lulii*". *Studia Lulliana*, 1987, vol. 27, p. 6. Em busca de fluidez textual, traduzimos todas as citações de fontes secundárias.

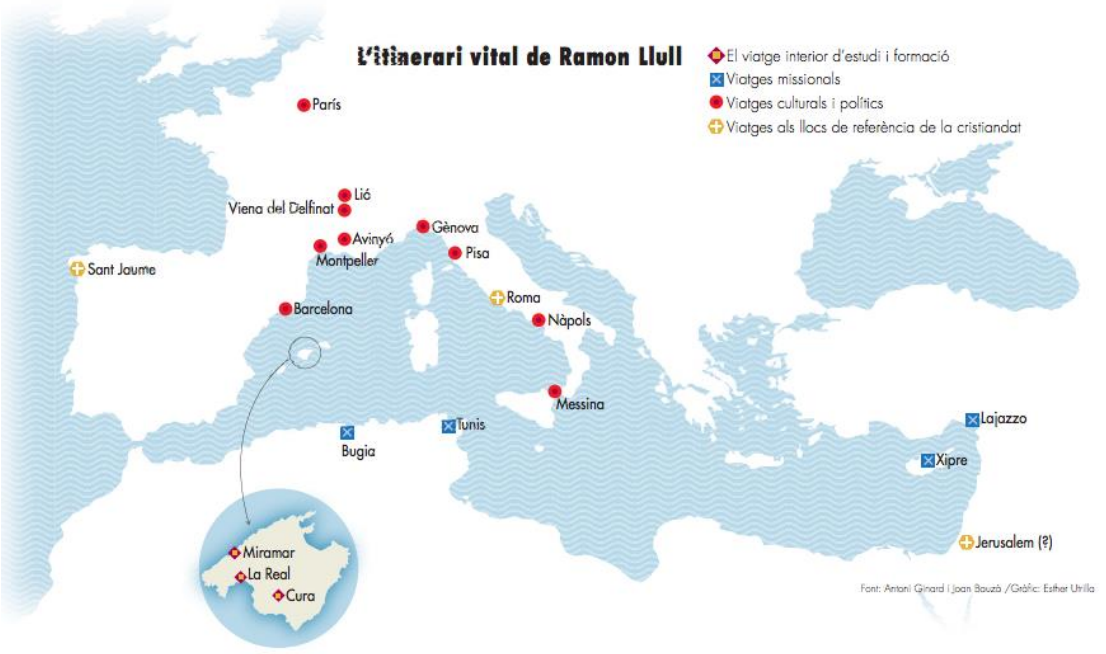
[5] RAMON LLULL. *Liber de Fine*. Edição de Aloisius Madre. In: *Raimundi Lulli Opera Latina*, Tomus IX. Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis, 35. Turnhout: Brepols, 1981, II, 5, p. 281.

[6] "*et quando uidi, in ipso duae lampades solae erant; una tamen fracta est. Ciuitas depopulata est*", RAMON LLULL. *Liber de Fine*, *op. cit.*, II, 1, p. 273. Para Juan Nadal Cañellas, essa é uma referência à cidade de Belém, NADAL CAÑELLAS, Juan. "En qué consiste la unidad de los cristianos…", *op. cit.*, p. 38; NADAL CAÑELLAS, Juan. "Ramón Llull y el mundo bizantino", *op. cit*., p. 296.

[7] GINARD BUJOSA, Antoni. "Ramon Llull, viatger universal". *Lliçó inaugural de la UOM Curs acadèmic,* Universitat de les Illes Balears, 2015, p. 01-31.

durante os quais compôs um número expressivo de obras; uma dessas cidades era Montpellier, no sul francês, importante centro econômico e cultural que chegou a sediar a corte do monarca Jaume II (1276-1311) de Maiorca. Pela leitura da *Vita Coaetanea*, pode-se concluir que Llull era um homem mediterrânico, espaço onde viveu a maior parte da vida e conhecia de ponta a ponta.

Imagem 1



O itinerário vital de Ramon Llull.
Fonte: Antoni Ginard e Joan Bauzà / Gráfico: Esther Utrilla.
Disponível em: https://www.ara.cat/suplements/diumenge/rodamon_0_1652834705.html

3. O imaginário tardo-medieval e moderno sobre Ramon Llull: entre lulistas e antilulistas.

Após a morte de Ramon Llull, as notícias sobre o seu culto em Maiorca são escassas no século XIV, porém ali já existiam amostras de espiritualidade luliana.[8] Em Valência, entre 1317 e 1339, aparece uma "literatura luliana apócrifa" composta por

[8] ENSENYAT PUJOL, Gabriel. "La persistencia del lulismo en Mallorca en la época medieval". In: COURCELLES, Dominique de (ed.). *Les formes laïques de la philosophie*. Raymond Lulle dans l'histoire de la philosophie médiévale. Turnhout: Brepols, 2018, p. 185-204.

discípulos e seguidores do filósofo,[9] ao mesmo tempo em que desponta, em outras regiões, uma tradição que fez dele um legítimo alquimista. Décadas depois, veio o primeiro revés à sua imagem, quando Nicolau Eimeric (c. 1320-1399), dominicano e inquisidor da Coroa de Aragão, lançou uma vigorosa ofensiva contra o lulismo. Ele selecionou cem "erros" que teria encontrado nas doutrinas lulianas e admoestou os conhecimentos daquilo que chamou de "arte diabólica". Não satisfeito, depreciou a origem social de Ramon (de uma família de "mercadores"), seu vocabulário e sua utilização do vernáculo para escrever algumas obras. Sabemos, hoje, que muitas acusações eram falsificações ou manipulações, cujos resultados levaram à condenação da Arte luliana, como fizeram o Papa Gregório XI (1376) e a Universidade de Paris (1390). Na última década do Trezentos, Eimeric voltou a atacar o pensador maiorquino, a quem chamou de "*fantastico, nigromantico, heresum seminatore*".[10]

Em meados do século XV, mais precisamente em 1443, localizamos o primeiro documento no qual o título de "mártir" foi associado a Ramon Llull. Ainda naquele século, surge a versão catalã da *Vita Coaetanea* e, cada vez mais, representações do filósofo como um franciscano começavam a ser propagadas em escritos e iconografias, embora não tenhamos elementos que indiquem sua efetiva filiação a essa ordem. Na mesma época, escolas para a difusão do lulismo foram fundadas, como o *Estudi General Luliano* em Maiorca (1481), logo incorporado à universidade daquela cidade. Simultaneamente, a versão alquímica se popularizava e, até o fim dessa centúria, 34 obras com esse perfil eram atribuídas a Llull.[11]

Com a criação da Imprensa, os textos lulianos conheceram uma difusão considerável: o *Romanç d'Evast e Blaquerna* (doravante, *Blaquerna*), por exemplo, foi publicado em Valência (1521). Três décadas depois, o nome de Llull apareceu no *Index librorum prohibitorum* (1559-1563), o que seria revogado já no Concílio de Trento. Outro fato importante do século XVI é a redação de uma biografia luliana (c. 1580), autoria de Juan Seguí, cônego da catedral de Maiorca. Sua publicação ocorreu em 1606, com uma

[9] CARRERAS ARTAU, Joaquín. "En torno al primer siglo del lulismo". *Studia Lulliana*, 1964, vol. 8, p. 87.
[10] NICOLAU EIMERIC. *Fascinatio lullistarum*. Edição e estudo de Jaume de Puig i Oliver. *Arxiu de Textos Catalans Antics*, 1984, 24-25, p. 39.
[11] DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. "La recepción del pensamiento luliano en la península ibérica hasta el siglo XIX. Un intento de síntesis". *Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca*, 2010, n. 15, p. 380.

dedicatória ao monarca espanhol Felipe II (1556-1598), grande devoto do movimento luliano.[12] Poucos anos depois, o tribunal eclesiástico diocesano maiorquino elaborou o primeiro processo formal para a beatificação de Llull (1612-1613). Não obstante, "o incidente mais relevante para a história do lulismo em Maiorca no século XVII"[13] é outro: a destruição da efígie de Ramon na Universidade Luliana (1699). O ato foi repreendido pelo bispo Pedro de Alagón (1684-1701), que o considerou um sacrilégio e uma blasfêmia; nos dizeres de Jaime Custurer, o ataque "*commoviò de tal surte à toda la Ciudad, y Reyno* [...] *que no se omitió diligencia para averiguar quien era el delinquente, y darle el condigno castigo*".[14]

Em meados do século XVIII, destacam-se alguns episódios. O primeiro ocorreu em Maiorca (1750), quando anos de rigorosas secas foram seguidos por chuvas torrenciais, fenômeno "providencial" logo creditado à intervenção de Ramon. Era preciso agradecer. A procissão do *Te Deum*, contudo, gerou um conflito com parte da elite religiosa, especialmente os dominicanos, que não a seguiram. No âmbito das ordens mendicantes, havia uma secular divisão entre franciscanos (lulistas) e dominicanos (antilulistas). Aquele período também assistiu à abertura de um novo processo de beatificação de Llull (1761), cujos postulantes indicavam 56 obras impressas e 4 fontes do arquivo franciscano, com datação entre 1491 e 1750, nas quais as palavras "beato", "santo" e "mártir" se referiam a ele.[15]

Na realidade, a tensão continuou latente em Maiorca, sobretudo durante o bispado de Juan Díaz de la Guerra (1772-1777), vigoroso perseguidor do lulismo. Houve a proibição de batizados com os nomes "Ramon" e "Ramona" e a ordem para que as imagens do filósofo fossem retiradas das igrejas e conventos.[16] Nessas décadas de revezes à figura de Llull, apareceram as obras do cisterciense maiorquino Antonio Pasqual. A

[12] VILLALBA I VARNEDA, Pere. *Ramon Llull.* Escriptor i Filòsof de la Diferència. Palma de Mallorca, 1232-1316. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2015, p. 513.
[13] CASSANYES ROIG, Albert; RAMIS BARCELÓ, Rafael. "El atentado antiluliano de 1699 en el marco ideológico de la Universidad de Mallorca". *Memòries de la Reial Acadèmia Mallorquina d'Estudis Genealògics, Heràldics i Històrics*, 2012, n. 22, p. 141.
[14] JAIME CUSTURER. *Disertaciones históricas del culto inmemorial del B. Raymundo Lullio, Doctor Iluminado y mártir, y de la inmunidad de censuras que goza su doctrina; con un apéndice de su vida*. Mallorca: Imprenta de Miguel Capó, 1700, p. 24.
[15] ROSSELLÓ LLITERAS, Juan. "Ramon Llull: su santidad y martirio referencias bibliográficas (1491-1750)". *Bolletí de la Societat Arqueològica Lul·liana*: Revista d'estudis històrics, 2000, n. 56, p. 66.
[16] GARCÍA PÉREZ, Francisco José. "La persecución del lulismo en la catedral de Mallorca durante el episcopado de Juan Díaz de la Guerra (1772-1777)". *Hispania sacra*, 2014, vol. 66, p. 411.

principal delas, intitulada *Vindiciae Lullianae* (1778), que teria o volume I traduzido pelo autor para o espanhol, numa versão publicada em 1890-1891, rebateu as admoestações de Eimeric e de outros. Ela já foi considerada o início do "lulismo crítico" moderno,[17] contribuindo decisivamente para conferir uma projeção universal ao pensador.[18]

Durante a segunda metade do período moderno, surgiram novas perspectivas historiográficas que acabaram por influenciar a própria representação de Llull. Com a Sociedade dos Bolandistas, fundada pelos jesuítas, as hagiografias começaram a passar pelo escrutínio dos parâmetros de cientificidade vigentes. A premissa de então era separar, exegeticamente, os elementos considerados verdadeiros dos falsos e produzir uma "hagiografia crítica". Nesse sentido, as biografias lulianas deveriam expurgar todo o material lendário para revelar a história "real" do personagem. As discussões sobre os episódios da vida de Llull eram frequentes e os eruditos discordavam em pontos chave – o principal deles, a alquimia.

Jean Baptiste du Sollier, jesuíta bolandista belga, e Jaime Custurer, jesuíta maiorquino, por exemplo, trocavam correspondências e não acreditavam na faceta alquímica de Llull.[19] Em razão disso, ambos polemizaram com o teólogo alemão Ivo Salzinger (1669-1728), coordenador da publicação das obras latinas lulianas (edição maguntina) e quem buscava demonstrar a autenticidade do *corpus* alquímico atribuído ao filósofo. De forma geral, o "Llull alquimista", imagem tão propagada em regiões como a Inglaterra, repercutiu pouco na Península Ibérica.[20] A complexidade das opiniões daquele período foi exposta pelo beneditino galego Benito Jerónimo Feijoo (1676-1764), outro antilulista: "*Raymundo Lulio, por qualquiera parte que se mire, es un objeto bien problematico*".[21]

---

[17] TRIAS MERCANT, Sebastià. "Hacia una clasificación de las obras del lulista R. Pasqual". *Studia Lulliana*, 1972, vol. 16, p. 199; SANTANACH, Joan. "Apunts sobre les posteritats de Ramon Llull". *Aiguadolç*: Revista de literatura, 2015, n. 43-44, p. 114.

[18] "A obra de Pasqual tem sentido histórico-crítico e historiográfico. Procura fundamentar suas provas em documentos e textos", TRIAS MERCANT, Sebastià. "Hacia una clasificación…", *op. cit.*, p. 198. Nas palavras do próprio Pasqual, sua obra estava "*apoyada en los más sólidos fundamentos*", ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio, mártir y doctor iluminado.* Mallorca: Sociedad Arqueológica Luliana, 1890 [1778], vol. 1, Prólogo, p. iv.

[19] "A Companhia de Jesus [...] foi desde o primeiro momento favorável à figura e obra de Ramon Llull e sempre respaldou as teses franciscanas em defesa do Doutor Iluminado, enfrentando seus opositores", NADAL CAÑELLAS, Juan. "Los jesuitas y el lulismo". *Studia Lulliana*, 2016, vol. 56, p. 48.

[20] DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. "La recepción del pensamiento luliano…", *op. cit.*, p. 380.

[21] "*Hacenle unos Santo, otros Herege; unos Doctisimo, otros Ignorante; unos Iluminado, otros Halucinado; atribuyenle algunos el conocimiento, y practica de la Chrysopeya, ò Arte Transmutatorio de los demàs Metales en oro; otros se rien de esto, como de todos los demàs cuentos de la Piedra Philosofal;*

Entre os séculos XIV-XVIII, Ramon Llull foi percebido de diferentes formas: alquimista, herege, mago, franciscano, doutor iluminado, beato, mártir, santo etc.[22] A evolução de sua figura no decorrer do período tardo-medieval e moderno revela uma gradual tentativa de desmitologizá-la. Nas próximas páginas, a partir de algumas regiões nas quais Ramon teria visitado, observamos descrições que frequentemente aspiravam à criticidade hagiográfica e estavam associadas às representações assumidas pelo filósofo ao longo dos séculos. Ao mesmo tempo, examinamos a historicidade dessas narrativas, suas características e os motivos pelos quais elas se consolidaram no imaginário moderno. Por fim, verificamos a presença desses outros itinerários na historiografia contemporânea.

4. As viagens de Ramon Llull no imaginário moderno (séculos XVI-XVIII).

4.1 Inglaterra: praticar a alquimia para financiar uma cruzada?

A passagem de Ramon Llull pela Inglaterra é um curioso mito elaborado no fim da Idade Média. Sua origem está no *Compendium animae transmutationis metallorum*, obra ligada ao *Testamentum* (1332) atribuído ao maiorquino. O colofão deste expõe uma dedicatória ao rei Eduardo III (1327-1377) e podemos assinalar que ele tenha sido composto em Londres em catalão e, depois, traduzido para o latim.[23] É provável que o autor fosse um médico maiorquino formado em Montpellier, um alquimista conhecedor dos trabalhos de Llull e de Arnaldo de Vilanova (c. 1238-1311).[24] Durante sua estadia em território inglês, Llull teria praticado a transmutação dos metais para o rei Eduardo, anacronicamente identificado como Eduardo III, que se tornou monarca da Inglaterra mais de uma década após a morte do filósofo. De qualquer forma, o mito foi fixado inclusive na iconografia daquela época:

---

y finalmente, unos aplauden su Arte Magna, otros la desprecian", BENITO JERÓNIMO FEIJOO. Carta XXII. Sobre la Arte de Raymundo Lulio. In: *Cartas eruditas, y curiosas…* Madrid: Imprenta de los Herederos de Francisco del Hierro, 1742, tomo I, p. 205-206.

[22] Além disso, Ramon Llull pode ter sido uma das figuras históricas que influenciaram a elaboração do personagem alemão conhecido como Doutor Fausto, conforme sugere PLANAS, Rosa. *Del Doctor Il·luminat al Doctor Fosc*. De Ramon Llull al Doctor Faust. Palma: J. J. de Olañeta Editor, 2017.

[23] PEREIRA, Michela. "Ramón Llull y la tradición alquímica". *Catalònia*, 1995, n. 43, p. 42; PEREIRA, Michela. "Il santo alchimista. Intrecci leggendari attorno a Raimondo Lullo". *Micrologus*, 2013, vol. 21, p. 35.

[24] Trata-se do célebre médico de papas e de reis aragoneses que, por muito tempo, foi visto como um alquimista. Sobre o tema, ver FALBEL, Nachman. *Arnaldo de Vilanova (c. 1240-1311):* doutrina reformista e concepção escatológica. São Paulo: Humanitas, 2018, p. 55-72.

Imagem 2



Ramon Llull entrega uma cópia do *Testamentum* ao rei Eduardo III da Inglaterra.
Miniatura do italiano Girolamo da Cremona (c. 1474).
Florença, Biblioteca Nazionale Centrale, ms. B. R. 52, f. 75v.
Disponível em: http://www.gianfrancobertagni.it/materiali/alchimia/pereira.htm

A principal característica dessa viagem é a associação entre Ramon Llull e a alquimia,[25] que ele teria praticado com o objetivo de obter ouro para financiar uma cruzada de Eduardo contra os muçulmanos. Em solo inglês, o mito encontrou um campo favorável para circular, já que existia uma atitude permissiva da corte plantageneta com os alquimistas, sobretudo entre os séculos XIV e XV. Sem dificuldade, encontramos diversas alusões a essa narrativa na Inglaterra tardo-medieval[26] e moderna.[27] Nesse ínterim, ela foi enriquecida, com detalhes de que o rei inglês (agora chamado de Roberto) aprisionou o pensador em Londres e empregou o ouro alquímico obtido numa guerra

[25] Na realidade, Ramon não acreditava na eficácia da alquimia: "*Felix demaná al philosof si alquimia es art per la qual hom pusque fer transmutació de un metall en altre. Lo philosof respós e dix que en transmutació de un element en altre se cové transmutació sostançial e açcidental, ço es a saber, que la forma e la materia se transmuten, ab tots lurs açcidents, en subtançia nova composta de noves formes e materies e açcidents. – E aytal obra, bells amichs – dix lo philosof a Felix –, no·s pot fer artificialment, cor natura hi ha mester tots sos poders*", RAMON LLULL. *Llibre de Meravelles*. Volum I. Llibres I-VII. Edició crítica de Lola Badia (dir.), Xavier Bonillo, Eugènia Gisbert, Montserrat Lluch. Palma de Mallorca: Patronat Ramon Llull, 2011, VI, 36.1, p. 218.

[26] DÍAZ MARCILLA, Francisco José. "Reflexión sobre la influencia de Ramon Llull en las Islas Británicas en época medieval: estado de la cuestión". *Roda da Fortuna*. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo, 2016, vol. 5, n 1, p. 89-105.

[27] RAMIS BARCELÓ, Rafael. "Las alusiones a Ramon Llull en la literatura europea (ss. XVII-XVIII)". In: MARCOS NONTOL, Lucio; RAMIS BARCELÓ, Rafael (coords.). *Ramón Llull y el lulismo*: contemplación y acción. Madrid: Editorial Sindéresis, 2019, p. 106-109.

contra os franceses. Ramon sofreu privações, porém recebeu a proteção de Eduardo (filho de Roberto) e a visita de anjos, que lhe revelaram outros segredos alquímicos.[28]

Acompanhar os caminhos que levaram essa tradição da Inglaterra para a Europa continental é uma tarefa deveras problemática. Ainda que as biografias lulianas do francês Charles de Bouvelles (1511) e do maiorquino Nicolau de Pax (1519) não mencionem essa estadia, pois seguem de perto a *Vita Coaetanea*, a informação aparece na obra do francês Antoine Perroquet (1667). Segundo ele, Llull produziu ouro alquímico e incentivou o rei Eduardo à cruzada, cujo propósito seria derrotar os turcos – e não os mamelucos egípcios, aqueles que efetivamente dominavam Jerusalém no fim do século XIII:

> Le Roy Eduard nous témoigne bien qu'il ne fit pas moins de cas de l'esprit de ce divin Philosophe [Ramon Llull], puisqu'ayant passé en Angleterre à dessein d'exciter ce Roy à mettre sur pié un puissante armée navale pour fair la guerre aux Turcs & recouvrer la Terre Sainte, il en receut des preuveus autentiques, en luy faifant de l'or, qu'on appelle Or de Raymond; & l'on voit encore des pieces qu'on nomme Raymondines[29]

Seja como for, a história da viagem de Ramon à Inglaterra já era conhecida na Espanha do século XVI, circulando entre os membros da elite eclesiástica de Maiorca. Um dos comentários sobre ela foi proferido por Juan Seguí: em suas palavras, quando Llull estava no "*reyno de Ingalaterra* [*sic*] [...] *algunos no se en que fundamentos dizen que hizo grande cantidad de oro* [...], *como si la alquimia fuere conforme a su doctrina*".[30] Décadas mais tarde, essa versão apareceu numa fonte literária – a saber, um poema do maiorquino Nicolás de Mellinas (1605), cujos versos expõem tanto o itinerário à Inglaterra quanto o fato de Ramon ter transformado metal em ouro.[31]

[28] PEREIRA, Michela. "Ramón Llull y la tradición alquímica", *op. cit*., p. 41; PEREIRA, Michela. "Il santo alchimista...", *op. cit.*, p. 34.
[29] ANTOINE PERROQUET. *La vie et le Martyre du Docteur Illuminé le Bienheureux Raymond Lulle avec une Apologie de sa sainteté et de ses œuvres contre la Mensonge, l'Envie et la Médisance*. Vendôme: Sebastien Hyp, 1667, p. 44.
[30] JUAN SEGUÍ. *Vida, y hechos del admirable dotor, y martyr Ramon Lull vezino de Mallorca.* Mallorca: Imprenta de Gabriel Guasp, 1606, p. 19.
[31] "[…] *donde Raymundo de su docta mano / dio testemonio llano / al Rey Ingles, de lo que Dios podia; / pues el oro que cria / en las secretas venas Febo hermoso, / dava el artificioso / saber, haziendo de metales oro / mejor que el que en Arabia acendra el moro*", NICOLAS DE MELLINAS. *Cancion a la milagrosa conversion, vida, y muerte del Egregio Doctor Ramon Lull.* Mallorca: Imprenta de Gabriel Guasp, 1605, estrofe 23, vv. 6-13.

Autores como Juan Seguí e Vicente Mut,[32] embora duvidassem da prática alquímica luliana, apontam que a estadia ocorreu após o Concílio de Vienne (1311-1312). Por outro lado, Antonio Pasqual situa o evento entre 1278 e 1281, durante as etapas finais daquela suposta viagem ao Oriente. Já em solo marroquino, Llull teria zarpado em direção à Inglaterra, onde encontrou o rei Eduardo e apresentou suas propostas, que não envolviam a alquimia.[33] Dúvidas existiam nas mentes desses autores e, se alguns chegaram a questionar a alquimia luliana, foram poucos os que colocaram a viagem propriamente dita em xeque.[34] Determinados elementos chamam a atenção, como a proximidade de Ramon com a realeza inglesa, detalhe mítico inspirado por suas relações com autoridades políticas e religiosas de seu tempo, como papas e os monarcas franceses e aragoneses.

4.2 Mediterrâneo oriental: reaproximar latinos e gregos.

A viagem de Ramon Llull pelo Mediterrâneo oriental (1301-1302) é um fato bastante conhecido pelos historiadores. Sabemos que ele visitou a ilha de Chipre[35] e a Armênia Menor (Ayas), onde escreveu o *Liber quid debet homo de Deo credere*. Mas as biografias lulianas modernas foram além e apontaram a presença dele no Egito, na Terra Santa, mais exatamente em Jerusalém, além da Síria, Geórgia, Grécia, "*tierras del Emperador de Constantinopla*", Turquia e Arábia.[36] Em relação à passagem de Llull por Jerusalém, já salientamos que a questão permanece sem uma resposta definitiva, apesar de muitos especialistas acreditarem nesse acontecimento.

Vejamos, em detalhes, as menções ao mundo bizantino. Naquelas plagas, Ramon teria debatido com os "*griegos, nestorianos, jacobinos y judíos, puse uno de sus proyectos*

[32] VICENTE MUT. Historia del Reyno de Mallorca. In: *Historia General del Reyno Balearico*. Mallorca: Imprenta de Gabriel Guasp, tomo II, 1650, p. 43.
[33] ANTONIO PASQUAL. *Descubrimiento de la aguja náutica, de la situación de la América, del arte de navegar y de un nuevo método para el adelantamiento de las artes y las ciencias*. Madrid: Imprenta de Manuel González, 1789, p. 69; ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit*., p. 269, 271, 304.
[34] Pasqual duvidava que Ramon tivesse voltado à Inglaterra após 1315 e, ali, praticado a alquimia: ANTONIO PASQUAL. *Descubrimiento de la aguja náutica…*, *op. cit.*, p. 43. Por sua vez, Jaime Custurer apontou que o périplo de Ramon pela Inglaterra era uma das "*peregrionaciones que se duda, ò no se halla fundamento*", JAIME CUSTURER. *Disertaciones históricas…*, *op. cit*., p. 716.
[35] RAMON LLULL. *Vita Coaetanea*, *op. cit.*, VIII, §33, p. 294-295.
[36] Confira, sobre essas localidades, VICENTE MUT. *Historia del Reyno de Mallorca…*, *op. cit.*, p. 43; JUAN SEGUÍ. *Vida, y hechos del admirable dotor…*, *op. cit.*, p. 18; JEAN BAPTISTE DU SOLLIER. *Acta B. Raymundi Lulli*. Antuerpiae: typis Viduae Petri Jacobs, 1708, p. 17; ANTONIO PASQUAL. *Descubrimiento de la aguja náutica…*, *op. cit.*, p. 69; ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit*., p. 294.

era que estos se ofreciesen á discutir para desengañarlos"[37]. Na opinião de Nadal Cañellas, o interesse de Llull pelos "cristãos não católicos romanos" começou após essa primeira viagem ao Oriente.[38] A *Doctrina pueril*, texto no qual Ramon cita os gregos, seria outro elemento comprovativo. O autor ainda questiona: "por que Llull deu o nome de Blanquerna, tão incomum em catalão, ao protagonista de seu romance mais famoso?".[39] Como resposta, afirma: sua visita a Constantinopla e a imensa devoção que sentia pela Virgem o levaram a batizar o protagonista com a alcunha devocional mariana mais célebre da capital bizantina: a Mãe de Deus de Blaquernes.

No entanto, atribuir o interesse de Llull pelo Grande Cisma e pelos gregos exclusivamente a essa suposta viagem é uma posição reducionista. É negligenciar a movimentação de contingentes importantes, como a delegação bizantina enviada por Miguel VIII Paleólogo (1259-1282) para participar do II Concílio de Lyon (1274), no qual o rei Jaume I de Aragão e Pedro de Morella, bispo de Maiorca, estiveram presentes. É ignorar a circulação de notícias no Mediterrâneo e o dinâmico e intenso comércio da Coroa de Aragão com o Império Bizantino.[40] Há várias décadas, Sebastián Garcías Palou, mesmo concordando com a veracidade dessa viagem,[41] levantou a questão: "essa estadia no Oriente não era, com efeito, a única fonte de informação [sobre o Cisma] disponível para Ramon Llull, já que, como se sabe, as relações que o Ocidente mantinha com a Grécia eram muito frequentes".[42]

4.3 Etiópia, Índia, Gana e Tartária: traçar um projeto global de conversão.

As indicações de um itinerário de Ramon pela Etiópia, Índia, Gana e Tartária estariam entre os maiores exemplos de sua tenacidade para concretizar os seus objetivos. Essa tradição apareceu somente nos escritos de Antonio Pasqual.[43] Embora sejam termos

[37] ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit*., p. 294.
[38] "O silêncio de Ramon sobre os cristãos não católicos que constatamos durante os doze ou treze primeiros anos de sua atividade apostólica é claramente quebrado depois de seu regresso da primeira viagem ao Oriente", NADAL CAÑELLAS, Juan. "En qué consiste la unidad de los cristianos…", *op. cit.*, p. 39.
[39] Idem, p. 40; NADAL CAÑELLAS, Juan. "Ramón Llull y el mundo bizantino", *op. cit*., p. 298.
[40] DURAN DUELT, Daniel. "El comercio entre España y Bizancio en los siglos XIII al XV". In: PÉREZ MARTÍN, Inmaculada; BÁDENAS DE LA PEÑA, Pedro (eds.). *Bizancio y la Península Ibérica*. De la Antigüedad Tardía a la Edad Moderna. Madrid: CSIC, 2004, p. 323-347.
[41] GARCÍAS PALOU, Sebastián. *Ramon Llull en la historia del ecumenismo*. Barcelona: Herder, 1986, p. 78-87.
[42] GARCÍAS PALOU, Sebastián. "El punto básico del cisma oriental, en la mente de Ramón Llull". *Studia Lulliana*, 1959, vol. 3, p. 291.
[43] ANTONIO PASQUAL. *Descubrimiento de la aguja náutica…*, *op. cit.*, p. 69; ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit*., p. 271; 293-294; 297.

sem uma correspondência exata com as realidades geográficas atuais, algumas interpretações são possíveis. Desde a Antiguidade, a Etiópia e a Índia tinham recebido missionários cristãos. Algumas comunidades prosperaram, tanto que, já no final do século IV, o cristianismo foi adotado no reino etíope de Axum. Na época de Llull, a relação dos etíopes com os latinos era uma via de mão dupla: em 1289, eles receberam uma carta do papa Nicolau IV, que sugeria uma reconciliação religiosa; em 1306, os próprios etíopes enviaram uma expedição ao território europeu.

Segundo Pasqual, Ramon teria deixado a Etiópia para entrar em "*tierras meridionales muy llenas de arenas, nombra una Ciudad llamada Gana y la Villa Tibelbrech*".[44] Portanto, o filósofo teria cruzado o deserto do Saara do Leste para o Oeste, chegando à África ocidental, particularmente ao reino de Gana. Essa sociedade africana, uma das mais prósperas que ali surgiram, estava conectada ao Mediterrâneo pelas rotas de comércio transaariano, que transportavam produtos cobiçados, como sal e ouro. Pasqual não indica, mas certamente pensava que Llull planejava a evangelização daquele território. Numa averiguação do *corpus* luliano, podemos notar que essas informações foram recolhidas do *Blaquerna*, segundo o qual o rei e o povo de Gana "*adoraven ydoles e lo sol e les stelles e les aus e les besties*".[45]

Com relação à Índia, que Ramon "*tambien hace mencion en el citado Arbol celestial*",[46] existe uma tradição, que inclusive circulava na Coroa de Aragão tardo-medieval, de que sua evangelização foi iniciada por São Tomé.[47] Assim, Pasqual pode ter visto em Llull, com seus objetivos missionários, uma espécie de "novo Tomé". Não custa salientar, ainda, que governantes etíopes e indianos já foram identificados com o Preste

[44] ANTONIO PASQUAL. *Descubrimiento de la aguja náutica…*, *op. cit.*, p. 69. "Tibelbrech" é provavelmente uma referência à cidade de Tabelbalat, na atual Argélia.
[45] Vejamos a passagem completa do *Blaquerna*: "*entrá un gentil qui venia des ves migjorn, de una terra qui es dintre les arenes, part una çiutat que ha nom Gana. En aquella terra avia gran re de reys e de princeps qui adoraven ydoles e lo sol e les stelles e les aus e les besties. Aquelles gents d'aquella terra son moltes e son negres e no han lig*", RAMON LLULL. *Romanç d'Evast e Blaquerna*. Edició crítica de Albert Soler i Joan Santanach. Palma de Mallorca: Patronat Ramon Llull, 2009, IV, 84.6, p. 379 e, depois: "*mília camells carregats de sal qui partien de una vila qui ha nom Tibalbert*", IV, 88.2, p. 395.
[46] ANTONIO PASQUAL. *Descubrimiento de la aguja náutica…*, *op. cit.*, p. 69. Na *Arbre celestial*, lemos: "*e per la menoritat es la influencia dalguns menor que en altre, axí com en Anglaterra en qui lo Sol no ha tan gran virtut en la Luna com ha en India*", RAMON LLULL. Del Arbre celestial. In: *Arbre de Sciencia*. Obres de Ramon Lull. Edição de Salvador Galmés. Palma de Mallorca: Diputació Provincial de Balears/Institut d'Estudis Catalans de Barcelona, 1923, vol. 12, tomo 2, p. 109.
[47] "*En aquella terra* [Índia] *preycà sent Thomàs apòstoll la ffe de Jhesuchrist, e convertí moltes províncies a la ffe christiana*", HAYTON DE CORIGOS. *La Flor de Les Històries d'Oriente*. Edició a cura d'Albert Hauf. Barcelona: Centre d'Estudis Medievals de Catalunya, 1989, I, VI, p. 81.

João, cristão nestoriano que os europeus buscavam se aliar para combater os muçulmanos nas Cruzadas. Ramon conhecia algumas dessas histórias e pensava que a "terra do sacerdote João" era dominada pelo Grande Khan, um dos "imperadores dos tártaros".[48]

Já o vocábulo "Tartária" designava uma região da Ásia central, igualmente sem precisão geográfica.[49] Na verdade, essa era uma alusão ao território de origem dos mongóis, guerreiros nômades que, no século XIII, construíram um império da China à Europa oriental. Dentro dele, os mercadores foram protegidos e, por isso, o comércio desenvolveu-se amplamente pela Rota da Seda. Por ali, missionários dominicanos e franciscanos – Guilherme de Rubruck foi um deles – conseguiram atingir o Oriente. Pasqual talvez visse em Ramon um desses evangelizadores, alguém interessado pelos mongóis, o que consta na *Vita Coaetanea*.[50] Tal interesse era compartilhado por reis e papas, que buscaram (sem sucesso) converter o Império Mongol e estabelecer uma aliança para a conquista de Jerusalém. Sabemos que, durante a primeira passagem de Llull por Roma e Paris (1287-1289), embaixadores do soberano mongol da Pérsia visitavam essas cidades e podemos supor que ele tenha assistido aos encontros. Aliás, Ramon escreveu, na Cidade Eterna, o *Liber Tartari et Christiani* (1288); sua curiosidade pelos mongóis atingiu o clímax quando ele viajou ao Mediterrâneo oriental para os encontrar e cristianizar, o que nunca ocorreu.[51]

4.4 Hispânia: convocar os reis ibéricos à cruzada.

A *Vita Coaetanea*, como salientamos, registra a presença de Ramon em duas localidades da Península Ibérica: Barcelona e Santiago de Compostela. Mas existem documentos modernos que fazem referências a estadias em Castela-a-Velha, Portugal, Granada, Andaluzia, Almería e Málaga.[52] Algumas dessas regiões, de fato, são

[48] RAMON LLULL. *Liber disputationis Raimundi christiani et Homeri Saraceni* [1308], citado em VILLALBA I VARNEDA, Pere. *Ramon Llull...*, *op. cit.*, p. 356.
[49] "*De aquí pudo pasar Raymundo á la Tartaria, donde segun sus palabras del libro Felix referidas. (n.º 7.) estuvo, y de ella habla en el Blaquerna, y más distintamente en el De fine*", ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit.*, p. 293. No *Llibre de Meravelles* (1287-1289), Llull diz que "*un sant hom ana als tartres e a molts d'altres ydolatrichs qui prop de ells estan*", porém não podemos afirmar que essa é uma passagem autobiográfica, RAMON LLULL. *Felix de les Maravelles del Mon*. In: *Obras de Ramón Lull*. Edição de Jerónimo Rosselló. Tomo II. Palma de Mallorca, 1903, cap. LIX [De Consciencia], p. 275.
[50] RAMON LLULL. *Vita Coaetanea*, *op. cit.*, VIII, §33, p. 294-295.
[51] GAYÀ ESTELRICH, Jordi. "Ramon Llull en Oriente (1301-1302): circunstancias de un viaje". *Studia Lulliana*, 1997, vol. 37, p. 25-78.
[52] VICENTE MUT. *Historia del Reyno de Mallorca…*, *op. cit.*, p. 43; JUAN SEGUÍ. *Vida, y hechos del admirable dotor…*, *op. cit.*, p. 20; JEAN BAPTISTE DU SOLLIER. *Acta B. Raymundi Lulli*, *op. cit.*, p. 17;

mencionadas em obras lulianas, como no *Liber de Fine* (1305), no qual ele sugere que a cruzada para conquistar a Terra Santa deveria ser iniciada com um ataque ao reino de Granada. A partir dali, o exército cristão atravessaria o estreito de Gibraltar e marcharia pelo norte da África até chegar ao Levante. Para Llull, o quinto espaço que deveria ser considerado para a guerra contra os islâmicos era a "Espanha, através da Andaluzia, onde há Almería, Málaga e Granada", que compõem um "local agradabilíssimo" (*locus amoenissimus*).[53]

Esses apontamentos de Ramon foram interpretados literalmente por vários biógrafos modernos. Mas tal leitura é precipitada. Não sabemos se ele esteve nesses territórios; não custa lembrar que alguns estavam sob o controle muçulmano, como Granada, Almería e Málaga. O rei aragonês Jaume II até chegou a cercar Almería (1309-1310), porém não conseguiu tomá-la. Na visão dos biógrafos, a ida de Ramon a Portugal e Castela seria uma tentativa de convencer os monarcas daquelas regiões a conduzir uma cruzada. Pasqual é claro ao expor que o rei português "*ya estaba ocupado con la guerra de los moros*".[54] O próprio Llull tinha dito que, se os "quatro nobres reis" (*reges quattuor nobiles*) quisessem, poderiam anexar Granada.[55] Trata-se de uma referência aos monarcas de Castela, Aragão, Portugal e Navarra.

Para os autores modernos, o percurso de Ramon pelos reinos cristãos ibéricos teria um propósito político: a elaboração de estratégias e a convocação dos líderes locais para uma campanha contra os islâmicos. Se, conforme Anthony Bonner apontou, a partir de 1283 a Península Ibérica não tem relevância na trajetória de Llull,[56] isso é muito diferente quando observamos as biografias dos séculos XVI-XVIII. Nelas, o filósofo percorreu várias cidades peninsulares, de ponta a ponta, estando inclusive em locais ocupados pelos muçulmanos, o que, no mínimo, dificultaria sua atuação. As passagens por Granada,

ANTONIO PASQUAL. *Descubrimiento de la aguja náutica…*, *op. cit.*, p. 69. Por outro lado, Jaime Custurer salienta que as passagens de Ramon por "*Castilla, Portugal, Andaluzia, y Granada*" são "*peregrionaciones que se duda, ò no se halla fundamento*", JAIME CUSTURER. *Disertaciones históricas…*, *op. cit.*, p. 716.

[53] "*Quintus locus est Hispania, uidelicet in Andalusia, ubi est Almaria, Malica et Granada. Hic est locus amoenissimus et laudalibis, plus quam alter*", RAMON LLULL. *Liber de Fine*, *op. cit.*, II. 3, p. 276.

[54] ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit.*, p. 305.

[55] RAMON LLULL. *Liber de acquisitione Terrae Sanctae*. In: *Raimundi Lulli Opera Latina XXXVIII (142-153) anno 1309 composita.* A cargo de Fernando Domínguez Reboiras. Turnhout: Brepols (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis 266), 2017, I, 3, p. 212.

[56] BONNER, Anthony. "Ambient històric i vida de Ramon Llull". In: *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316).* Mallorca: Editorial Moll, 1989, vol. 1, p. 29.

Almería e Málaga buscariam o reconhecimento do território para, em seguida, conduzir sua efetiva conquista e evangelização.

4.5 Centro-norte da Europa: planejar a conversão do paganismo germânico.

O percurso de Ramon Llull pelo centro-norte da Europa, algo que não consta na *Vita Coaetanea*, é mencionado por Damián Cornejo,[57] que indica viagens pela "*Alemania Alta, y Baxa, Boemia, y Ungria*". Outros dois autores examinados, Juan Seguí[58] e Vicente Mut,[59] apontam somente a Boêmia. Antonio Pasqual,[60] por sua vez, assinala um itinerário pela "*Alemania*", "*partes septentrionales de Europa*", "*partes del Norte*" e "*Girlanda*"; noutra obra, propõe uma datação à viagem – em torno de 1280 – e inclui a Noruega como uma região visitada.[61] Portanto, as terras germânicas e nórdicas estariam no radar luliano, que as entendia como um palco necessário para atuar. Mas por quê?

Comecemos pela Alemanha, onde Ramon teria encontrado o soberano Rodolfo I (1273-1291) e, com ele, discutido a fidelidade dos germânicos ao cristianismo, projetos para a conversão dos "infiéis" e a organização de uma cruzada para libertar Jerusalém. Recordemos que, no século XIII, o Sacro Império Romano-Germânico, apoiado pela Ordem Teutônica, incentivou campanhas de conquista e conversão dos pagãos na Europa central e no Báltico. Embora Rodolfo I não tenha conduzido uma cruzada para conquistar a Cidade Santa, ele havia prometido isso ao Papa Gregório X assim que fosse coroado imperador em Roma. Pasqual enfatiza que Llull procurava não somente se encontrar com os líderes da Igreja (papas, cardeais, bispos), mas também com os reis e príncipes que pudessem fortalecer "*en sus reinos la debida observancia de la ley Cristiana, y contribuyesen á la conversion de los infieles, y concurriesen á la conquista de la Tierra Santa y de las naciones infieles*".[62]

Em relação à Noruega, Pasqual relata que a informação consta na *Arbre celestial*, sétimo capítulo da *Arbre de ciència* (1295-1296). Há, com efeito, uma referência nessa obra, porém de cunho astronômico e sem força para comprovar a presença de Llull

[57] DAMIÁN CORNEJO. *Vida admirable del inclito martyr de Christo el B. Raymundo Lulio, de la venerable Orden Tercera de Penitencia del S. P. S. Francisco de Assis* (Madrid, 1686). Mallorca: Ignacio Frau Impr. del Rey, 1755, p. 135.
[58] JUAN SEGUÍ. *Vida, y hechos del admirable dotor…*, *op. cit.*, p. 18-19.
[59] VICENTE MUT. *Historia del Reyno de Mallorca…*, *op. cit.*, p. 43.
[60] ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit*., p. 271; 291.
[61] ANTONIO PASQUAL. *Descubrimiento de la aguja náutica…*, *op. cit.*, p. 68.
[62] ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit*., p. 290.

naquele território.[63] Uma menção à estadia na Noruega faria sentido no âmbito missionário. Já o topônimo "Girlanda" aparece no *Blaquerna*,[64] designando a Islândia e a "população pagã do extremo norte".[65] Cristianizada a partir do século XI, a ilha foi entendida por Pasqual como um território composto por pagãos que precisavam ouvir a predicação de Ramon. Nessas "terras do Norte", comenta o cisterciense, "*había muchas gentes, que vivian en varias creencias, y el demonio los tenía obcecados con muchos errores, é ilusiones*".[66] Mais uma vez, o termo consta no *Blaquerna*, o que é revelador, como veremos a seguir.

5. *"Todo este viage de Raymundo se deduce de su libro Blanquerna, y otros*".

Até o momento, devemos perguntar: de onde provinham as informações utilizadas pelos biógrafos modernos para reconstruir esses outros itinerários? Antonio Pasqual oferece a seguinte resposta: "*todo este viage de Raymundo se deduce de su libro Blanquerna, y otros*".[67] Ciente de que deveria sustentar ainda mais o seu argumento, o autor nomeia esses materiais, como o *Cant de Ramon*, o *Liber de Fine*, a *Vita Coaetanea* e o *Liber de geometria noua et compendiosa*, que também parecem ter sido consultados pela maioria dos biógrafos. Entretanto, chama a atenção a referência de Pasqual à última obra, porque afirma que, nela, "*confiesa* [Llull] *que estuvo en Etiopia, y lo mismo indica de Marruecos é Inglaterra*".[68]

Uma consulta ao *Liber de geometria noua et compendiosa* (1299) demonstra que Llull não diz que esteve nessas terras; na verdade, ele somente comenta o pôr do sol e o nascer do sol, quando então cita aqueles topônimos.[69] Pasqual equivocou-se. O segundo problema está relacionado ao *Blaquerna*, que parece ser a fonte principal desses outros itinerários. Nessa história, Ramon conta a trajetória de Blaquerna, cujos pais, os virtuosos

[63] "[...] *axí com lo levant qui es un en quant se leva lo Sol en Jherusalem e es altre en quant se leva en Ytalia e es altre en quant se leva en Norouegua*", RAMON LLULL. *Del Arbre celestial…*, II, p. 111.
[64] "*Cor una terra hi havia, qui ha nom Girlanda, on venia a cap de .v. anys un hors blanch en senyal que aquell anny auran abundancia de molt peix*", RAMON LLULL. *Romanç d'Evast e Blaquerna*, *op. cit*., IV, 88.3, p. 395.
[65] BADIA, Lola; SANTANACH, Joan; SOLER, Albert. "Storia e geografia nel *Romanç d'Evast e Blaquerna* di Ramon Llull". *Studi Michela Pereira*, 2018, p. 246.
[66] ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit*., p. 291.
[67] ANTONIO PASQUAL. *Descubrimiento de la aguja náutica…*, *op. cit.*, p. 69.
[68] Idem, p. 70.
[69] Agradeço a Carla Compagno (Universität Freiburg), que recentemente editou o *Liber de geometria noua et compendiosa* (obra no prelo, a ser publicada em *Raimundi Lulli Opera Latina*), por me esclarecer essa questão, com base no capítulo *De quadrante, cum quo homo cognoscere potest horas diei*.

Evast e Aloma, só conseguiram gerá-lo após uma intervenção divina. Durante sua juventude, o protagonista decide sair de casa para ser um eremita, porém acaba entrando num mosteiro, onde torna-se monge e, depois, abade. Mais tarde, atinge a posição de bispo e, por fim, papa. Já ancião, Blaquerna renuncia ao trono pontifício para abraçar a vida eremítica, seu propósito original. Ainda que os referenciais geográficos citados sejam conhecidos no século XIII, todos os personagens são ficcionais – a exceção é Jaume II de Maiorca ("*noble rey savi*").[70]

A questão é que Blaquerna não pode ser visto como o próprio Llull, embora existam fatos que são inspirados em sua vida. Desde o fim do século XX, os especialistas têm uma posição consensual sobre o problema. Jocelyn N. Hillgarth, por exemplo, proferiu de forma taxativa: "Blanquerna não é uma autobiografia: seu herói é, na melhor das hipóteses, uma projeção ideal de sua personalidade".[71] Diferentemente de Ramon, Blaquerna "não tem vocação de viajante"; são religiosos e mensageiros enviados por ele que percorrem o mundo e recolhem histórias sobre essas regiões.[72] Ademais, o trânsito do protagonista pelos estamentos eclesiásticos, evidentemente, tem pouca relação com a vida de um laico como Llull. Tampouco "Ramon lo foll", outro personagem descrito no *Blaquerna*, pode ser considerado autobiográfico, porque era "primo" do imperador.[73]

Tudo indica que Pasqual e os outros biógrafos interpretaram literalmente as obras de Llull, deduzindo que ele havia visitado alguns dos topônimos ali citados. Em suma, seus conhecimentos geográficos só poderiam ser expostos por alguém que conhecesse pessoalmente aqueles territórios. Já demonstramos que determinados topônimos do *Blaquerna* se repetem nos textos dos biógrafos modernos; outros são referenciados porque identificam regiões de estratégia missionária (Egito, Geórgia, Índia e Grécia) e de

[70] RAMON LLULL. *Romanç d'Evast e Blaquerna*, *op. cit.*, II, 65.3, p. 296.
[71] HILLGARTH, Jocelyn Nigel. *Ramón Llull y el lulismo en la Francia del siglo XIV*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2018, p. 19.
[72] SOLER, Albert; TOUS, Francesc. "Ramon Llull: viatge, missió i escriptura". In: *Viatjar a l'Edat mitjana*. Barcelona: Institut Europeu de la Mediterrània, 2015, p. 89, para os quais esssa característica é observada em outro protagonista, Félix. Guiado por um espírito de curiosidade, o herói do *Llibre de Meravelles* percorre o mundo para conhecê-lo: "*Obedient fon Felix a son pare* [...] *E ab la doctrina que li doná son pare, aná per los boscatges, per munts e per plants, per erms e per poblats e per princips e per castells e per ciutats; e maravellave·s de les maravelles que son en lo mon e demanava ço que no entenia e recomptava ço que sabia*", RAMON LLULL. *Llibre de Meravelles*..., *op. cit.*, vol. I, 2011, Del prolech, 3, p. 81-82.
[73] BONNER, Anthony. "Ramon Llull, autor, autoritat i il·luminat". *Actes de l'Onzè Col·loqui Internacional de Llengua i Literatura Catalanes*. Palma (Mallorca). Coordenação de Joan Mas i Vives, Joan Miralles Montserrat, Pere Rosselló Bover, vol. 1, 1998, p. 38.

proximidade com povos idólatras (Hungria, Boêmia).[74] Para os autores dos séculos XVI-XVIII, a geografia exposta no *Blaquerna* estava associada às finalidades das viagens do próprio Llull.

No entanto, o fato de Ramon ter mencionado essas plagas, mesmo com riquezas de detalhes, não é um argumento para concluir que ele as visitou. Maiorca e Montpellier, cidades que o filósofo frequentava àquela época, poderiam fornecer as informações de que precisava. Ambas as localidades eram visitadas por muitos viajantes (missionários, mercadores, peregrinos etc.), cujos relatos poderiam ter chegado aos ouvidos de Ramon, alguém curioso o bastante para prestar atenção.[75] Leitor assíduo, ele também poderia ter consultado certas obras disponíveis no mosteiro maiorquino de La Real, como as *Etimologias*, texto isidoriano que, conforme Andreu Caimari, era uma possível fonte para o *Blaquerna*.[76]

6. Os itinerários lulianos e a historiografia contemporânea.

A presença desses itinerários lulianos na historiografia contemporânea é um ponto chave em nossa reflexão. Assim, precisamos retornar ao início de nosso artigo, quando indicamos que Juan Nadal Cañellas assegurou a veracidade dessas viagens e, para tanto, ancorou-se em "conhecidos" estudiosos. Ele cita os nomes de Marius André (1868-1927), Joan Avinyó i Andreu (1871-1939), Salvador Galmés (1876-1951), Jaime Borrás y Rullán (1879-1954), Francisco Sureda Blanes (1888-1955), Ephrem Longpré (1890-1965), Joaquín Carreras i Artau (1894-1968) e Sebastián Garcías Palou (1908-1993). Uma historiografia desatualizada. Vejamos em detalhes um artigo de Galmés (1928), que reconstituiu os périplos de Llull, como aqueles que chama de "viagens de exploração"

[74] BADIA, Lola; SANTANACH, Joan; SOLER, Albert. "Storia e geografia nel *Romanç d'Evast...*", *op. cit*., p. 246-247. Ver RAMON LLULL. *Romanç d'Evast e Blaquerna*, *op. cit*., II, 61.4, p. 280; IV, 80.4, p. 354; IV, 88.3, p. 395.

[75] Benjamin de Tudela, viajante judeu do século XII, fez uma descrição da cidade de Montpellier que contribui para sustentar essa interpretação: "*dista cerca de uma parasanga do mar e para lá acorrem homens de toda as paragens a fim de comerciar, de Edom, de Ischmael, da terra de Algarve, da Lombardia, do domínio de Roma, a Grande, de toda a terra do Egito, da Palestina, da Grécia, da França, da Ásia e da Inglaterra. Gente de todas as nações é lá encontrada fazendo negócios por meio dos genoveses e pisanos*", BENJAMIN DE TUDELA. *O Itinerário de Benjamin de Tudela*. Organização, tradução e notas de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 43-44.

[76] Citado em HILLGARTH, Jocelyn Nigel. "La Biblioteca de La Real: Fuentes posibles de Llull". *Studia Lulliana*, 1963, vol. 7, p. 13.

(1277-1282). Ele teria percorrido quase todo o mundo conhecido para inteirar-se acerca da natureza, das condições e das necessidades dos territórios onde deveria atuar.[77]

Empreendida num momento de "inatividade literária", a viagem objetivava conhecer as regiões e as crenças "errôneas" para, então, prescrever um remédio conveniente. De início, Llull teria viajado até Roma e, depois, para o norte da Itália, onde entrevistou o germânico Rodolfo I. Esse episódio seria confirmado tanto no *Blaquerna* (cap. 48) quanto por "todos os biógrafos".[78] Em seguida, Ramon teria entrado em território dos cismáticos, passando pelo Mar Negro e Geórgia. Depois, partido em direção à Turquia asiática, atravessando Antioquia – ou por um desvio pela Tartária – até chegar à Palestina. Então seguiu para o Egito e Etiópia. De lá, para a Cirenaica (onde recolheu notícias sobre Gana), Berbéria, Ceuta, Andaluzia, Granada, Málaga, Almería, Valência, Catalunha e, novamente, Roma. Após o itinerário, que não incluiu a Inglaterra, Ramon teria escrito o *Blaquerna*, o "resumo de sua longa viagem".[79]

Galmés é apenas um exemplo de alguém que segue uma tradição que, como vimos, remonta aos séculos XVI-XVIII. Nas últimas décadas, são poucos os pesquisadores que aceitaram essas indicações sem colocá-las à prova. Em recente e detalhado livro, Pere Villalba i Varneda,[80] por exemplo, referiu-se à problemática somente numa nota de rodapé, salientando a desconfiança de Antonio Pasqual perante a questão. Outros itinerários não são levados em conta. Embora seja desacreditada por muitos pesquisadores, a narrativa já deixou rastros na historiografia, razão pela qual todo o cuidado é pouco: aspectos míticos e históricos se confundem e são propagados sem criticidade. O método de Galmés para apresentar esse itinerário é questionável: "tentaremos reconstituí-lo com dados positivos e dados presumidos, e com um arranjo de imaginação".[81]

7. Considerações finais.

Da Islândia à Índia, de Portugal à Etiópia, da Inglaterra à Tartária e de Gana à Noruega, as viagens de Ramon Llull nas biografias lulianas modernas levaram o filósofo aos confins do mundo conhecido. *Fama crescit eundo*... Tais jornadas teriam como

[77] GALMÉS, Salvador. "Viatges de Ramon Llull". *La Paraula Cristiana*, 1928, n. 45, p. 197.
[78] Idem, p. 207.
[79] Idem, p. 210.
[80] VILLALBA I VARNEDA, Pere. *Ramon Llull...*, *op. cit*., p. 156.
[81] GALMÉS, Salvador. "Viatges de Ramon Llull", *op. cit*., p. 206.

objetivo principal "*saber su creencia y advertir el modo mas cómodo de convertilos*".[82] Alguns autores, inclusive, destacam que Ramon realizou conversões durante certas viagens, como em Hipona, na África, onde ele "*convertiò à la Fè de Christo setenta Filosofos de los mas insignes*".[83] Não dispomos, porém, de nenhum indício que ateste essas e quaisquer outras conversões. Assim, supomos que a potencialização de sua figura esteja ligada ao contexto dos séculos XVI-XVIII, com seguidas solicitações de beatificação. Quanto maior fosse a obra apologética luliana, melhor, porque sempre em sintonia com a palavra bíblica: "Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16, 15).

Essa caracterização de Llull não difere, portanto, daquilo que ele próprio divulgava em suas obras. Homem do diálogo, mas também de ação, que cruzava fronteiras políticas e barreiras geográficas para cumprir os seus desígnios, mesmo que sofresse o martírio, aliás, um objetivo de sua vida. Durante essas andanças, Llull poderia planejar a fundação de mosteiros, onde as línguas orientais seriam ensinadas aos pregadores cristãos. Com sua *Arte*, ciência universal enviada por Deus, ele mesmo atuaria no processo de conversão, que aconteceria naturalmente devido às chamadas "razões necessárias" que provariam qual era a verdadeira fé.[84] Ademais, o Llull visto pela Modernidade não confiaria somente naquilo que ouvia. Ele estaria disposto a observar, a ser testemunha ocular, algo comum entre os viajantes modernos, sempre preocupados com a observação direta, digna de confiabilidade: ver para crer.[85]

Mas uma pergunta permanece: por que a *Vita Coaetanea* e as outras obras lulianas não citam tais viagens? Num caso semelhante, o "silêncio documental" já foi apontado por Garcías Palou como uma "prova decisiva" da ausência de Llull do II Concílio de Lyon: ora, seus escritos não fazem referência ao evento, o que contrasta com sua postura

[82] ANTONIO PASQUAL. *Descubrimiento de la aguja náutica…*, *op. cit.*, p. 69. Esse era o seu principal objetivo, mesmo que padecesse de "*hambre, sed, calor, frío, desnudez, peligros, persecuciones y todas las miserias*", ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit*., p. 306.
[83] DAMIÁN CORNEJO. *Vida admirable del inclito martyr…*, *op. cit.*, p. 65. Ver também ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit*., p. 300.
[84] Ele cita o caso de um pregador que, em Túnis, não conseguiu converter um rei sarraceno: "*Et ideo, si religiosus ille | de nostra fide tales dedisset rationes ita cogentes, quod rex non posset soluere ante dictas – quae rationes sunt in sacra pagina implicae; et sum certus etiam, quod in libris meis supra dictis sunt, ut patet in eisdem – tunc rex fuisset christianus*", RAMON LLULL. *Liber de Fine*, *op. cit*., 1.5, p. 267.
[85] "Desde o século XIV ao XVI, a visão substituiu a audição na função de fonte de conhecimento", ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*: representación del espacio en la Edad Media. Madrid: Cátedra, 1994, p. 295.

em relação ao Concílio de Vienne.[86] Além desse silêncio, um argumento contrário é a própria forma de leitura realizada pelos biógrafos modernos que, conforme demonstramos, interpretaram literalmente os textos de Llull. Assim, seguimos a opinião de Hillgarth, para quem a atividade de Ramon, até 1287, parece ter sido confinada à ilha de Maiorca e à cidade de Montpellier e seus arredores. Falar num outro itinerário nesse período é "problemático".[87]

Finalmente, a expressão "*Andando casi por toda la tierra*", recolhida por Antonio Pasqual[88] do *Liber de Fine*,[89] assemelha-se àquela encontrada no *Cant de Ramon* (1299-1300): "*gran res hai del món cercat*".[90] Ambas são interessantes, mas sem força de prova. No atual estado da questão, não existem indícios documentais capazes de certificar essas outras viagens. De toda forma, uma coisa é certa: o objetivo daqueles biógrafos modernos era potencializar ainda mais a faceta de Ramon Llull como um viajante universal, cujos propósitos seriam, em primeiro lugar, a exploração dos territórios para os conhecer e, depois, predicar o catolicismo; e, em segundo, a apresentação, aos reis cristãos, de planos de cruzada contra os muçulmanos, seja na Hispânia, seja na Palestina. Nesse sentido, a maioria daqueles lulistas católicos exaltou determinadas imagens (explorador, missionário, mártir, santo) do filósofo em detrimento de outras (alquimista, mago, herege). Uma pretensa desmitologização da figura de Llull que, como vimos, também produziu mitologia

[86] GARCÍAS PALOU, Sebastián. *Ramon Llull en la historia del ecumenismo*, *op. cit*., p. 20-21.
[87] HILLGARTH, Jocelyn Nigel. *Ramón Llull y el lulismo… op. cit.*, p. 54. Tal opinião já era defendida por Miguel Batllori: "uma primeira viagem a Roma e ao Oriente [entre 1277 e 1287] não passa de uma simples, problemática, conjectura", BATLLORI, Miguel. *Antología de Ramón Llull*. Madrid: Dirección General de Relaciones Culturales, 1961, p. 15-16. Alguns trabalhos recentes simplesmente não focalizam a questão: segundo Albert Soler e Francesc Tous, por exemplo, "o ano de 1287 marca o ponto de inflexão evidente, porque é o momento em que Llull decide internacionalizar a sua causa e empreende as suas primeiras viagens a Roma e Paris", SOLER, Albert; TOUS, Francesc. "Ramon Llull: viatge, missió i escriptura", *op. cit*., p. 85.
[88] ANTONIO PASQUAL. *Vida del Beato Raymundo Lulio…*, *op. cit*., p. 270.
[89] "[...] *quasi per mundum eundo uniuersum*", RAMON LLULL. *Liber de Fine*, *op. cit*., *Prologus*, p. 250.
[90] RAMON LLULL. *Cant de Ramon*. In: Poesies. Text, introducció, notes i glossari de Ramon d'Alòs-Moner. Barcelona: Barcino, 1928, v. 46, p. 31. Antes de 1299, Ramon Llull já havia visitado várias localidades, incluindo o norte da África (Túnis).

ANEXO I

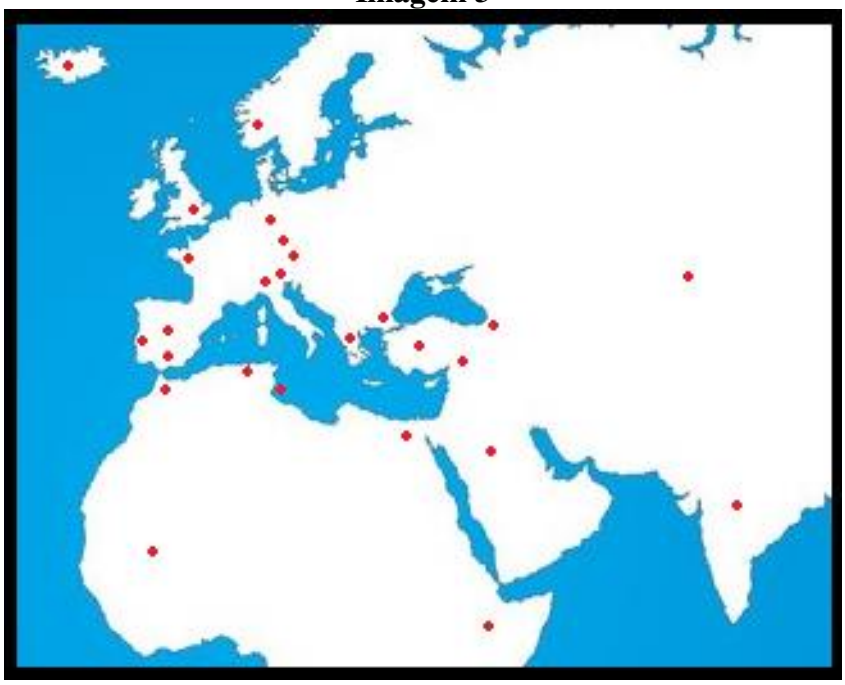
Tabela 1

REGIÃO	MELLINAS 1605	SEGUÍ 1606	MUT 1650	PERROQUET 1667	CORNEJO 1686	CUSTURER 1700	SOLLIER 1708	PASQUAL 1778 / 1789
Alemanha					X			X
Almería								X
Andaluzia		X	X			?		X
Arábia	X							X
Boêmia		X	X		X	?	X	
Bretanha		X	X					
Castela		X	X			?	X	
Ceuta								X
Djerba[91]		X			X	X		
Egito		X	X		X	?		X
Espanha	X	X	X		X		X	
Etiópia								X
Florença					X			
Gana								X
Geórgia								X
Granada		X	X			?	X	X
Grécia								X
Hipona		X			X	X		
Hungria					X			
Índia								X
Inglaterra	X	X	X	X	X	?	?	X
Islândia								X
Málaga								X
Marrocos								X
Milão					X			
Noruega								X
Portugal			X			?	X	X
Síria		X	X		X		X	
Tartária								X
Turquia								X
Veneza					X			

Tabela 1: sistematização das viagens de Ramon Llull às regiões citadas pelos autores modernos, mas sem comprovação histórico-documental. O ponto de interrogação (?) indica aqueles que já questionavam a historicidade dessas estadias.

[91] Trata-se de uma ilha na costa da Tunísia. Segundo Custurer (1700, p. 519), as obras de Seguí e Cornejo apresentaram um erro de impressão nesse ponto, o que explica as grafias "Algarves" ou "Algerves" no lugar.

Imagem 3



Localização da maior parte das viagens de Ramon Llull sem comprovação histórico-documental. Salientamos que a marcação vermelha é aproximativa, já que algumas regiões não correspondem exatamente às fronteiras atuais.